

A arte como promessa em Herbert Marcuse

Maria Teresa Cardoso de Campos*

Ao analisar a sociedade industrial contemporânea, o filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse realiza um diagnóstico atento. Seu intuito é verificar o que represa a possibilidade de uma mudança social qualitativamente superior, em direção a outro princípio civilizatório regido por um novo tipo de racionalidade e sensibilidade, que redundaria em uma vida digna, que valeria a pena ser vivida; e também investigar as forças de negação que têm condições de romper com a dominação vigente.

Neste trabalho apresentamos algumas idéias de Marcuse que dizem respeito à questão estética, com o objetivo de explicitar que, para ele, a arte constitui um dos elementos que podem conduzir ao mundo que julga possível existir, o qual seria governado por uma razão não dominadora. Para isso, optamos por realizar um percurso cronológico, privilegiando alguns textos que podem esclarecer sua posição a esse respeito.

Em “Sobre o caráter afirmativo da cultura”, de 1937, Marcuse retoma a filosofia antiga de Aristóteles e Platão, a qual compreende ser a filosofia fonte de felicidade, para aqueles destinados ao ócio, ou seja, para os que não se dedicam às tarefas de suprimento das necessidades vitais, o que corresponde a uma pequena parcela da população. Desvaloriza-se o plano material por ser instável e inseguro e vincular a felicidade a bens dessa natureza significa renunciar à liberdade; e, do mesmo modo, desvaloriza-se a sensibilidade, o prazer sensível, que também remete à não liberdade. O que ocorre é uma separação ontológica entre sensibilidade e razão, mundo dos sentidos e das idéias, necessidades materiais e o plano do verdadeiro, bom e belo.

Se, para o idealismo antigo, verdade, bondade e beleza não são valores universais, pode-se demarcar a formação do conceito de “cultura”, entendida como esfera espiritual¹, a partir do momento em que se propõe a universalidade desses valores. Se, antes, afirma-se que somente alguns poucos podem usufruir da verdade, do belo e do prazer, em uma nova situação, na qual os homens passam a comprar e vender a força de trabalho, todos devem partilhar dos ideais culturais. Exigência essa que faz parte do domínio da burguesia, que deve manter a igualdade abstrata dos indivíduos, para ocultar e manter a desigualdade concreta. Consolida-se o que Marcuse denomina “cultura afirmativa”. De acordo com o pensador:

Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo mais valioso, universalmente obrigatório, incondicionalmente confirmado, eternamente melhor, que é essencialmente

* Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte, mestre em Filosofia pela UFMG. teresa_campos@hotmail.com.

¹ Nesse texto, Marcuse se vale dos conceitos de “cultura” como esfera espiritual e de “civilização” como esfera da reprodução material.

diferente do mundo de fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si ‘a partir do interior’, sem transformar aquela realidade de fato.²

Na cultura afirmativa, a alma ocupa uma posição dominante. Resguardada da esfera econômica, conserva os valores da liberdade, beleza, bondade e verdade, e se sobrepõe aos sentidos, uma vez que liberá-los significa a possibilidade de satisfazê-los. A prevalência da interioridade, representada pela valorização da alma, tem na arte sua melhor forma de expressão. A sociedade burguesa nega a satisfação concreta para a maioria e oferece o prazer da felicidade na beleza da arte, na bela aparência. A beleza dota o ideal de felicidade, isto é, de amabilidade, suavidade, satisfação. Trata-se de uma felicidade privada, apaziguadora das tensões de uma realidade exterior opressiva. Como escreve Marcuse: “Este é o milagre propriamente dito da cultura afirmativa. Os homens podem se sentir felizes inclusive quando efetivamente não o são”.³ A beleza é aprisionada na arte burguesa. Libertá-la significaria estabelecer um elo com a sensibilidade, com sua fruição no plano sensível. A esse respeito, Marcuse lembra a afirmação de Nietzsche de que a beleza é “promessa de felicidade”, expressão que este último tomara de Stendhal.⁴

A arte burguesa é alienação, ao edificar uma realidade superior, pura, distanciada do cotidiano. Se, na situação concreta não se é feliz, isso é possível em um mundo ideal, ou seja, a idealização estética procura conter a realização efetiva da exigência de felicidade. Porém Marcuse explica que a exigência de felicidade, em condições de opressão e miséria da maioria, aliada à demasiada idealização operada pela arte, traz consigo a idéia de uma verdadeira vida feliz. E essa é a meta que a filosofia materialista toma para si.

Em 1945, outro texto de Marcuse trata da questão estética: “Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária”. Nele, o filósofo alude a uma crise da arte que comprometeria sua força de oposição à dominação e exploração, na realidade da cultura de massa, com seu poder de assimilar tudo, e também no contexto do totalitarismo fascista. Diante disso, “[...] como poderia a arte recuperar sua função alienadora, continuar a expressar a grande recusa?”⁵ questiona Marcuse. A resposta do filósofo à questão que propõe é que, através da forma, a arte permanece um instrumento de oposição. E a forma, para ele, corresponde ao “estilo” da obra de arte, àquilo que ordena seus elementos. Nas suas palavras,

A forma artística, no sentido de artístico a priori, é mais do que a implementação e o arranjo “técnicos” da obra de arte: é o “estilo” que seleciona o conteúdo e que prevalece durante o trabalho, ao estabelecer o ponto central que determina as relações entre as partes componentes, o vocabulário, o ritmo e estrutura de cada sentença.⁶

A tarefa política da liberação, na esfera da arte, é executada na medida em que esta se “despolitiza”, em que não expõe o conteúdo da realidade fascista, nem “fala a linguagem do inimigo”⁷. Nesse mo-

² MARCUSE. Sobre o caráter afirmativo da cultura, p.96.

³ *Ibidem*, p.120.

⁴ *Ibidem*, p.114.

⁵ MARCUSE. Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária, p.270.

⁶ *Ibidem*, p.272.

⁷ *Ibidem*, p.279.

mento, Marcuse vê no amor sensual a forma que transmite a promessa de felicidade. A linguagem do amor, na medida em que é estranha à ordem reinante, conserva a imagem de um mundo distinto: “Na noite do terror fascista aparecem imagens de ternura, ‘douce’, calma e satisfação livre; a agonia da Gestapo se torna a agonia do amor.”⁸

Nesse texto, Marcuse enfatiza a alienação da arte como um elemento negativo, mas também percebe que tal alienação, ou seja, a criação de um mundo próprio e artificial, revela uma reconciliação com o mundo repressivo, pois, por mais que a arte ofereça satisfação, esta permanece nos limites da ordem reinante. Ele declara: “Este elemento reconciliador parece ser a maldição intrínseca da arte, a maldição que a liga inseparavelmente à forma predominante de vida; parece ser o símbolo da arte em um mundo sem liberdade.”⁹ Tal reconciliação, no entanto, não seria suficiente, segundo o pensador, para impedir que a realidade criada pela arte ilumine um futuro de liberdade.

Em *Eros e civilização*, de 1955, a questão estética é discutida nos capítulos “Fantasia e utopia” e “A dimensão estética”. Nesta obra, a teoria freudiana é utilizada por Marcuse para amparar sua crítica à civilização repressiva e vislumbrar outro tipo de civilização, onde a pulsão erótica não seria contida por mecanismos a serviço da dominação do homem e da natureza; e as necessidades básicas seriam gratificadas. Nessa nova sociedade, o filósofo atribui à estética posição privilegiada.

Se, sob o domínio do princípio de realidade repressivo, a arte foi condenada como algo inútil e inofensivo, Marcuse ressalta que ela conserva um caráter utópico. Isso se explica porque ela abriga a fantasia ou imaginação, atividade que, segundo Freud, permanece vinculada exclusivamente ao princípio de prazer. Para o psicanalista, o fantasiar, a princípio, permanece como brinquedo infantil e, depois, continua como devaneio. As imagens de liberdade e felicidade da imaginação relacionam-se com o passado, uma vez que preservam a memória de um passado dominado pelo princípio de prazer, quando o ego ainda não havia se desenvolvido a partir do id, devido à influência do meio externo, mas, para Marcuse, relacionam-se também com o futuro. Nas palavras de Jorge Coelho Soares, um estudioso da teoria marcusiana,

Marcuse subscreveu a tese freudiana da estreita ligação que une a fantasia à sexualidade, ao inconsciente, ao reprimido, reconhecendo nela um valor explosivo potencial. A fantasia encarnaria a possibilidade de uma outra felicidade, de uma outra vida, de uma existência situada além dos limites da opressão.¹⁰

Essa possibilidade convive, contudo, com uma característica que é da essência da arte: a reconciliação. Marcuse diz que, para que seja representada, a realidade necessita conformar-se à forma estética, isto é, sujeitar-se aos padrões da forma, o que priva a realidade do seu terror. Aqui, Marcuse apóia-se na tese aristotélica da catarse, que cor-

⁸ *Ibidem*, p.278.

⁹ *Ibidem*, p.287.

¹⁰ SOARES. *Marcuse: uma trajetória*, p.104.

responde à purificação das emoções da piedade e do terror, suscitadas pelo texto da tragédia, a qual é uma representação, *mímesis*. A emoção estética, purificada, que o espectador experimenta é prazerosa, já que a representação opera a transformação do sofrimento em prazer.¹¹ A ambivalência seria, então, da natureza da arte: “A proposição de Aristóteles sobre o efeito catártico da arte resume a função dupla da mesma arte: ao mesmo tempo, opor e reconciliar; acusar e absolver; recordar o reprimido e reprimir de novo – ‘purificado’.”¹²

Reconhecer a reconciliação intrínseca à arte não impede o filósofo de apostar na possibilidade de um novo futuro, que se caracterizaria pela transposição da estética para o terreno da cultura, o que corresponderia à conciliação entre razão e sensualidade.¹³ Para apoiar esta tese, Marcuse apresenta idéias de Schiller, que compreende a beleza como expressão de um impulso estético, o lúdico, que concilia as necessidades impostas por dois impulsos antagônicos: o sensível ou material, através do qual se é receptivo ao objeto, e o formal ou racional, pelo qual o objeto é concebido. Schiller acredita na edificação de um reino estético, regido pelo impulso lúdico, “alegre, de jogo e aparência”¹⁴. Esse reino realizaria, segundo Marcuse, a harmonização da sensualidade e da racionalidade, com a mediação da imaginação, redundando em uma razão sensual e uma sensualidade racional.

No trabalho “Comentários para uma redefinição de cultura”, de 1965, Herbert Marcuse retoma a distinção cultura e civilização apresentada no trabalho “Sobre o caráter afirmativo da cultura”, diagnosticando, nesse momento, a integração da cultura à civilização tecnológica. A cultura superior sucumbe aos mecanismos de reprodutibilidade técnica, que facilita enormemente o acesso às obras de arte, antes um reduto de poucos. Os elementos de recusa e oposição ao existente, presentes naquelas obras, foram anulados a partir do operacionalismo, processo detectado por Marcuse nas várias instâncias culturais. Nessa tendência, o que transcende o dado é excluído e é traduzido para a esfera do comportamento empírico. Desse modo o que é intraduzível não é mais apreendido por aqueles que têm acesso à obra de arte clássica, através da cultura de massa. Como explica Marcuse:

A cultura superior ainda existe. É mais acessível do que nunca. É lida, vista e ouvida por mais pessoas do que jamais o fora; porém a sociedade bloqueou há muito tempo os domínios espirituais dentro dos quais essa cultura poderia ser entendida em seu conteúdo cognitivo e em sua verdade determinada.¹⁵

A integração da cultura na ordem existente dissolve a tensão entre dever e ser, “potencial e atual, futuro e presente, liberdade e necessidade.”¹⁶ A sociedade tecnologicamente desenvolvida barra as alternativas utópicas e, nesse sentido, Marcuse adverte que uma mudança social exigiria que fosse recuperado o espaço de autonomia que a cultura resguardava.

Em 1967, é publicado o artigo “A arte na sociedade unidimensional”, no qual Marcuse retoma a tese, exposta anteriormente em

¹¹ MACHADO. *O nascimento do trágico*: de Schiller a Nietzsche, p.24-30.

¹² MARCUSE. *Eros e civilização*, p.135.

¹³ Nessa obra, Marcuse prefere “sensualidade” a “sensibilidade”, para tornar explícito que os sentidos não têm apenas função cognitiva, mas também função sensual, por associarem-se ao princípio de prazer.

¹⁴ SCHILLER. *A educação estética do homem*: numa série de cartas, p.143.

¹⁵ MARCUSE. *Comentários para uma redefinição de cultura*, p.159-160.

¹⁶ *Ibidem*, p.160.

Eros e civilização, segundo a qual em uma nova sociedade o princípio de realidade seria estético, ou seja, a arte adquiriria dimensão existencial. Isto não significaria um embelezamento do mundo, no sentido de produção de objetos belos, mas sim a harmonização da arte e da técnica, do homem e da natureza, da razão e da sensibilidade. Extremamente otimista, Marcuse sustenta: “Estão disponíveis as condições preliminares para a criação do belo não como ornamento, não como superfície do disforme, não como peça de museu, mas como expressão e objetivo de um novo tipo de homem: como necessidade biológica de um novo sistema de vida.”¹⁷

Ao participar do movimento de contestação juvenil da época, ao ouvir as canções de Bob Dylan, Marcuse acredita vivenciar um momento histórico no qual a arte torna-se efetivamente um fator de transformação em direção a uma existência estética pacificada.

Finalmente tomamos a obra *A dimensão estética*, de 1977, na qual Herbert Marcuse critica a estética marxista por esta acreditar que a arte necessita de uma vinculação direta com o proletariado ou com o tema da revolução, para desempenhar um papel político. Ele defende com veemência, nesse ensaio, que a arte torna-se um veículo de transformação se mantém uma relação mediata com a realidade estabelecida, através da forma estética. A forma reordena um dado conteúdo segundo uma lógica interna, produzindo um “todo independente: um poema, peça, romance, etc. A obra é assim ‘extraída’ do processo constante da realidade e assume um significado e uma verdade autônoma.”¹⁸ Distanciada da realidade cotidiana, a arte cria um mundo fictício, ilusório, que, no entanto, preserva a verdade do que é e do que poderia ser, a verdade que é contrária à mistificação operada pela sociedade repressiva. Renunciar à forma estética, ou seja, render-se ao dado sem transfigurá-lo, é dessublimação repressiva, que significa integração ao existente.

Esse distanciamento e o elo que liga a beleza ao princípio de prazer, como foi visto em *Eros e civilização*, faz com que a obra de arte contenha a imagem da libertação e da felicidade. Como a imaginação manteve o vínculo com o princípio de prazer, escapando do domínio do princípio de realidade, a arte conserva a memória de um tempo governado por aquele princípio. A afirmação reconciliadora da catar-se coexiste com um elemento emancipatório e “a própria maldição é proferida em nome de Eros”¹⁹, sentencia Herbert Marcuse.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004.

KANGUSSU, Imaculada. *Leis da liberdade: a relação entre estética e política na obra de Herbert Marcuse*. São Paulo: Loyola, 2008.

MACHADO, Roberto. *O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

¹⁷ MARCUSE. A arte na sociedade unidimensional, p.253.

¹⁸ MARCUSE. *A dimensão estética*, p.21.

¹⁹ *Ibidem*, p.71.

- MARCUSE, Herbert. Algumas considerações sobre Aragon: arte e política na era totalitária. In: MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 265- 288.
- _____. A arte na sociedade unidimensional. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da cultura de massa*. 5. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. Comentários para uma redefinição de cultura. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. v.2, p. 153-175.
- _____. *A dimensão estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- _____. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8. ed. [S.l.]: Guanabara, [196-?].
- _____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1977. v.1, p. 89-136.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- SOARES, Jorge Coelho. *Marcuse: uma trajetória*. Londrina: UEL, 1999.